

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

Lorena Resende Silva

A musicalização no processo de inclusão para crianças com TEA

Juiz de Fora
2023

Lorena Resende Silva

A musicalização no processo de inclusão para crianças com TEA

Projeto de pesquisa apresentado como trabalho final da disciplina EDU 192- Trabalho de conclusão do curso de pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora.

- Prof. Mylene Santiago

Juiz de Fora

2023

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo elucidar questões sobre a musicalização infantil para crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista). Considerando o currículo atual da educação básica, é importante discutir qual papel a musicalização assume no processo de inclusão das crianças neuro divergentes. Através de um levantamento bibliográfico e de entrevistas realizadas com profissionais envolvidos na educação, o texto busca evidenciar o papel da musicalização na educação básica, sobretudo nas transições de espaços e tempos para a criança autista. Com a elaboração do artigo, foi possível identificar as diferentes formas de atuação da musicalização presente no currículo escolar: musicalização como disciplina obrigatória e a diluída no cotidiano.

Palavras-chave: Musicalização. TEA. Transtorno do Espectro Autista. Educação Infantil.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2. A SENSIBILIDADE AUDITIVA E A MUSICALIZAÇÃO EM ALUNO COM TEA	7
3 A MUSICALIZAÇÃO COMO COMPONENTE CURRICULAR DA EDUCAÇÃO BÁSICA	10
3.1 A MÚSICA NA PEDAGOGIA WALDORF E A PREVISÃO DE ESPAÇOS-TEMPOS	13
3.2 DOCÊNCIA, MUSICALIZAÇÃO E CRIANÇAS COM TEA	15
3.2.1 A IMPORTÂNCIA DA MUSICALIZAÇÃO PARA CRIANÇAS COM TEA: VOZES DAS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO	15
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21

1. INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema da musicalização surgiu a partir da intensa vivência musical vivida desde a infância. Vinda de uma família de músicos, sempre estive presente em ensaios de orquestra e liturgias, através da igreja. Aos 9 anos comecei a estudar órgão eletrônico e teoria musical, mas não dei continuidade, apesar de ter aprendido bastante. Antes de completar 13 anos, fui convidada por uma amiga para assistir uma inauguração de uma obra social no bairro em que resido. Nessa inauguração, havia alguns professores apresentando instrumentos musicais e ao ser apresentada ao violoncelo, instrumento da família das cordas friccionadas, decidi que era o instrumento que eu queria aprender.

Iniciei as aulas naquele projeto e após 3 anos, decidi fazer a prova do Conservatório Estadual de Música Haidée França Americano em 2015. Nesse mesmo ano, fui convidada para participar da Orquestra Sinfônica Mário Vieira, onde tive a oportunidade de aprender muito com os músicos que tocavam ali. Em 2016, aprovada no conservatório, dei início ao ensino técnico profissionalizante que teve duração de 3 anos. Após a formatura, foi necessário dar uma pausa no estudo da música, para me dedicar ao vestibular e a faculdade, mas depois de longos 2 anos, retomei os estudos do violoncelo.

No ano de 2021, no 6º período do curso de pedagogia, comecei um estágio numa escola que segue a metodologia Waldorf¹, na cidade onde resido. Ainda sem conhecer a filosofia da escola, a musicalidade daquele lugar chamou minha atenção, a rotina das crianças era guiada pela música e se comunicavam com destreza ao ouvir o canto da professora. Essas crianças retornam às aulas no pós pandemia, ainda compreendendo a rotina e sempre convictas da próxima atividade ou atentas do que a professora esperava delas no momento em que cantava determinada música.

Percebi então, a musicalidade adentrando na rotina, no ritmo, no controle da ansiedade daqueles alunos e dando cada vez mais autonomia para eles, pois não era necessário repetir os

¹ Pedagogia pensada por Rudolf Steiner (1861-1925), que fundamentou a antroposofia relacionando o pensamento científico, artístico e espiritual e nas questões relacionadas ao envolvimento do ser humano no mundo.

comandos, reforçar qual era a atividade, a partir da música cantada, eles se encaminharam para o que tinha de ser feito.

Em toda essa trajetória notei a música me transformando, ainda que sem um respaldo teórico. A criança tímida que fui, agora conseguia se apresentar em público, alguns comportamentos eufóricos se acalmaram e deram lugar à expressividade com clareza. Então, começaram os questionamentos: se a música foi capaz de me transformar, sendo eu uma pessoa neurotípica, como poderia transformar uma pessoa neurodivergente? Se a música me auxiliou no meu processo de socialização, em que a única barreira era a timidez

e a insegurança, como pode auxiliar uma criança com dificuldade de socialização?

A partir desses questionamentos, considerando toda a experiência musical que me cercava, envolvendo o curso de pedagogia, me interessei em estudar os efeitos da musicalização em crianças com TEA.

A metodologia usada consiste em analisar documentos e textos científicos que articulem os conceitos de musicalização, Transtorno do Espectro Autista e pedagogia Waldorf, concentrando a discussão no processo de socialização das crianças com TEA com um levantamento bibliográfico e entrevistas com duas profissionais envolvidas no assunto, a fim de avaliar os estudos e as conquistas já feitas a respeito da temática. Dessa maneira, será possível identificar como a musicalização tem sido trabalhada em diferentes contextos. Se tratando de um assunto voltado para interações sociais, deve estar atento para cada descoberta feita, tornando o estudo cada vez mais eficaz.

O referencial teórico tem como aporte o estudo de profissionais que articulam música e crianças com TEA: Gustavo Gattino (2012), Lúcia Helena Pereira Teixeira (2018), Gleisson do Carmo Oliveira (2015), Gaiato e Teixeira (2018), Camargo e Bosa (2009), Jeandot (1993), entre outros.

Além da discussão teórica, este trabalho conta com entrevistas realizadas com duas profissionais: uma psicóloga e uma professora da educação básica, ambas trabalham com crianças autistas sob a ótica da pedagogia Waldorf. A entrevista foi realizada com roteiro semi estruturado, com o propósito de conhecer os níveis de interação dos alunos a partir da musicalização, identificar as expectativas dos pais e dos docentes e quais mudanças esses profissionais notam no desenvolvimento dos alunos.

Assim, este trabalho tem o objetivo de compreender a musicalização como

instrumento de promoção do processo de inclusão da criança autista em ambientes escolares e apresentar relato de experiência da musicalização na Pedagogia Waldorf com alunos com TEA. O processo de inserção do aluno neurodivergente em sala de aula é discutido considerando a musicalização como uma agente proporcionadora dessa inclusão, visando garantir o direito do aluno de estar matriculado e permanecer na escola.

Inicialmente discuto o que é o transtorno do espectro autista e como esses alunos são incluídos nas atividades que requerem interação social e se expressam nesses momentos. Em seguida apresento a musicalização como apoio pedagógico, para que os professores e alunos desfrutem de seus benefícios, dentre eles aumento da concentração, estímulo das funções cerebrais, além de estimular a criatividade e o desenvolvimento cognitivo, linguístico e social, entre outros.

Os tópicos desenvolvidos terão como objetivo elucidar os caminhos que a musicalização pode trilhar na educação básica para crianças autistas. No primeiro segmento do artigo, tratarei sobre a sensibilidade auditiva que algumas crianças com TEA podem apresentar e como a musicalização pode ser aplicada para esses alunos. Para isso, busco descrever as características que devem ser observadas e consideradas como alerta para buscar orientações médicas a fim de diagnosticar uma pessoa com TEA.

No item seguinte, intitulado “A música como componente curricular na educação básica”, debato a necessidade de incluir a musicalização nas escolas, as barreiras dessa inserção, a aplicabilidade na educação básica, a fluidez da música permeando os alunos. Ainda nesse item, há uma subdivisão a fim de ilustrar a musicalidade da pedagogia Waldorf e como reverbera na previsibilidade da rotina escolar dos alunos. Na segunda subdivisão desse tópico, trago entrevistas com duas profissionais da área da educação e da psicologia que são perpassadas pela musicalização. A professora da educação infantil atuando na escola Waldorf, apresenta os benefícios escolares da musicalização, enquanto a psicóloga trata questões emocionais e comportamentais dessas crianças que vivenciam a musicalização.

Por fim, a conclusão visa reforçar a importância de mais estudos na temática musicalização, além de delimitar o recorte que foi possível realizar. Também neste item foi considerado todos os aspectos apresentados no texto como forma de potencializar a inserção da musicalização nas escolas, sobretudo na vida das crianças com TEA.

2. A SENSIBILIDADE AUDITIVA E A MUSICALIZAÇÃO EM ALUNOS COM TEA

Apesar de ser um transtorno geral do desenvolvimento, o autismo não tem um marcador biológico para definir o diagnóstico. Dado isso, é necessário um critério para a definição do TEA (Transtorno do Espectro Autista), portanto, é utilizado o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV-TR) da Associação Americana de Psiquiatria (American Psychiatric Association, 2000). Os traços **apresentam dano** em pelo menos um dos três domínios comportamentais, sendo eles: interação social, linguagem e comunicação e repertório de atividades e interesses.

Apresentando pouco ou nenhum contato visual com seu interlocutor, objeção em participar de atividades coletivas, desafio em expressar, de maneira compreensível, suas emoções e afetos, além de pouca empatia emocional e/ou social

As dificuldades na comunicação ocorrem em graus variados, tanto na habilidade verbal quanto na não verbal de compartilhar informações com outros. Algumas crianças não desenvolvem habilidades de comunicação. Outras têm uma linguagem imatura, caracterizada por jargão, ecolalia, reversões de pronome, prosódia anormal, entonação monótona, etc. Os que têm capacidade expressiva adequada podem ter inabilidade em iniciar ou manter uma conversa apropriada. Os déficits de linguagem e de comunicação persistem na vida adulta, e uma proporção significativa de autistas permanecem não verbais. Aqueles que adquirem habilidades verbais podem demonstrar déficits persistentes em estabelecer conversação, tais como falta de reciprocidade, dificuldades em compreender sutilezas de linguagem, piadas ou sarcasmo, bem como problemas para interpretar linguagem corporal e expressões faciais (Gadia, *et al.* 2004, p.20).

Quanto à linguagem e a comunicação, o autista tende a executar uma comunicação incompreensível, frequentemente estabelecendo uma interlocução limitada. Em relação ao repertório de atividades e interesses, podem apresentar estereotípias (comportamentos repetitivos usados para se acalmar), apego demasiado a um objeto e resistência a mudanças. Esse apego excessivo pode ser considerado uma maneira de se comunicar com o mundo externo. Para a realização do diagnóstico, é necessário uma equipe multidisciplinar para analisar a criança.

Segundo Gaiato e Teixeira (2018, p.35),

Basicamente, durante a avaliação comportamental o médico e sua equipe fazem um rastreamento do desenvolvimento da criança, buscando identificar se ela está aprendendo as habilidades básicas referentes à fala, linguagem corporal, comportamento social, cognição e empatia. Um atraso em qualquer dessas áreas pode ser sinal de um problema de desenvolvimento (Gaiato e Teixeira, 2018, p.35).

Em algumas pessoas autistas é possível identificar comorbidades relacionadas ao TEA. Dentre elas, a deficiência intelectual, dificuldade cognitiva e de adaptação social, podendo utilizar como recurso de auto regulação as estereotípias e os movimentos ou sons repetitivos. (BRASIL, 2014)

Por se tratar de um transtorno e não de uma doença, não há uma cura. O autismo tem base genética e é influenciado pelo meio, sendo possível, portanto, mudar seu grau de suporte através de tratamentos e terapias. Não há uma causa para o autismo, mas inúmeras razões ambientais e genéticas. Tal transtorno traz alguns prejuízos comportamentais e sociais para a vida do indivíduo, julgadas pela sociedade como condutas inadequadas e uma socialização comprometida, dificuldade na comunicação verbal e não verbal, podem usar palavras sem função comunicativa, atitudes repetitivas, ritualísticas e restritas, hipersensibilidade, apego excessivo a pessoas ou objetos. Tais desafios, podem sobretudo, serem amenizados com tratamento e níveis de suporte adequados para cada indivíduo.

Como afirma Camargo e Bosa (2009, p.65) “o autismo se caracteriza pela presença de um desenvolvimento acentuado atípico na interação social e comunicação, assim como pelo repertório marcadamente restrito de atividades e interesses”. Ao observar tais características nas crianças é importante iniciar a intervenção por tratamentos terapêuticos e os demais caminhos que o médico responsável julgar necessário.

Uma das características que podem ser encontradas nos autistas é a sensibilidade auditiva, isso por terem uma percepção sensorial diferente das pessoas neurotípicas, os tornando mais sensíveis a estímulos sonoros como excesso de barulho, sons muito altos, estridentes, ruídos inesperados. Essa sensibilidade pode variar de pessoa para pessoa. Alguns podem ser hipersensíveis, que se fragilizam, se irritam e entram e se desorganizam com maior facilidade ao serem expostos a esses sons, outros podem ser hipossensíveis, apresentando dificuldade de perceber e processar alguns estímulos sonoros.

A musicalização, em todos os seus benefícios que serão discutidos neste trabalho, também pode ser aplicada com crianças sensíveis sonoramente. Entretanto, é necessário observar que, enquanto alguns autistas terão inclinação para a música, aptidão e interesse por essa área, outros podem ter preferência por algum estilo musical que não afete sua sensibilidade sensorial. Gomes (2014, p.1) pontua que

A Educação Musical, por sua vez, oportuniza diversas possibilidades de aprendizagem, comunicação, exploração, improvisação, criação, produção,

promovendo o desenvolvimento integral do ser humano por meio dos sons, dos jogos, do lúdico, dos instrumentos musicais.

A introdução musical a crianças autistas precisa ser feita de maneira cautelosa e respeitando as especificidades de cada aluno. É de suma importância que o professor conheça seus alunos, para que a aula seja um ambiente agradável e acolhedor, e que as práticas musicais se adaptem às necessidades de cada um. Para alguns alunos, uma aula com sons mais suaves, ritmos acalentadores e timbres mais aveludados podem ser mais benéficos, enquanto para outros, ritmos mais acelerados, sons mais intensos, timbres mais estridentes serão mais enriquecedores e interessantes.

Portanto, a sensibilidade auditiva deve ser considerada ao planejar as aulas de musicalização. Para todo professor, mediador ou cuidador que se coloca diante de uma criança, sobretudo uma criança autista, também deve se colocar o respeito, a reverência e o cuidado de lidar com pessoas que ao mesmo passo que aprendem, também ensinam. A música pode exercer o importante papel de unir indivíduos distintos e ainda possibilitar uma forma de expressão e comunicação daqueles que necessitam desenvolvê-la.

Gomes (2014, apud Louro, 2006, p.35), afirma que a educação musical não se distingue pelo indivíduo que está sendo educado, mas adapta os recursos e formas como conhecimento é passado de forma apropriada para o aluno. De acordo com Jeandot (1993, p.20), “Ao adulto cabe compreender em que medida a música constitui uma possibilidade expressiva privilegiada para a criança, uma vez que atinge diretamente sua sensibilidade afetiva e sensorial”. Para que a musicalização aconteça de maneira satisfatória e respeitosa, é necessário conhecer os alunos e suas sensibilidades de maneira que o repertório utilizado nas aulas não acarrete na desorganização sensorial do aluno a ponto de provocar crises.

Cada aluno é único, alguns autistas vão se sensibilizar apenas com determinados timbres e ritmos, por isso, a importância de conversar com as famílias e de fazer testes para que as aulas sejam sempre personalizadas para cada grupo. Os alunos com TEA inseridos nesse ambiente escolar e musical podem apresentar bons avanços no quesito interação e comunicação. O médico Gustavo Gattino, em sua tese de doutorado afirma que

“Os comportamentos de alegria, sincronicidade emocional, resposta compatível e engajamento, avaliados por microanálise de comportamentos, tiveram um aumento estatisticamente significativo no grupo de musicoterapia em comparação ao grupo de recreação.” (Gattino, 2012, p.39)

A musicalização auxilia em diversos aspectos sociais, emocionais, comportamentais, além das questões psíquicas que envolvem o autismo. Tais benefícios podem ser notados também em crianças neurotípicas. Independente de quais condições os alunos apresentam em sala de aula, o planejamento sempre deverá ser organizado de maneira que todo o processo didático oferecido seja alcançável a todos.

3. A MUSICALIZAÇÃO COMO COMPONENTE CURRICULAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Uma das características do Transtorno do Espectro Autista é a dificuldade de comunicação e interação social, entretanto a música pode se tornar uma importante ferramenta para que esse processo aconteça de forma lúdica, divertida e eficaz. A música na escola apresenta diversos pontos positivos na prática pedagógica, principalmente na educação infantil, além de se alinhar na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) em diversas habilidades, promovendo os campos de experiências como o “Eu, o outro e o nós”, “Corpo, gestos e movimentos”, “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, “Traços, sons, corpo e imagem” e “Escuta, fala, pensamento e imaginação”.

Nos campos de experiências descritos acima, especificamente no campo “o eu, o outro e o nós”, está previsto que na convivência com pares e com adultos, a criança desenvolve sua própria personalidade, constrói sua perspectiva e visão de mundo, e assim, aprende a se diferenciar dos outros. Um dos elementos da música é a harmonia, conceito que descreve a combinação de notas musicais dadas de maneira simultânea, gerando um som agradável ou não de se ouvir. Utilizando tal conceito, há a possibilidade trabalhar a diferenciação do “eu” e dos pares, sobretudo as vivências em conjunto diante das diversidades. A musicalização e seus elementos, podem ser utilizados como ferramentas para o desenvolvimento dessas perspectivas nas crianças.

No campo, “Corpo, gestos e movimentos” é possível que a música ajude a criança a explorar o espaço, como consta no próprio documento “Por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem.” (BRASIL, 2018, p.41). A música auxiliará a criança a experimentar sua corporeidade.

“Traços, sons, cores e formas” é um outro campo de experiência possível de ser

explorado através da musicalização. É direito da criança conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, sendo a música uma possibilidade de trazer essa convivência das diferentes expressões aos alunos.

“Escuta, fala, pensamento e imaginação” diz respeito à comunicação. Sendo uma característica do autismo a dificuldade em socializar, a música poderá ofertar meios de comunicação e expressão, sem que necessariamente seja usada a fala. Além disso, mesmo que a socialização não seja um desafio para alguns autistas, a música poderá estimular a imaginação.

Por fim, o campo “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, garante que o aluno explore e observe objetos, aumente seus conhecimentos por si mesmo, sendo eles do mundo físico ou sociocultural. Ao permitir que uma criança em processo de musicalização descubra os elementos musicais como a harmonia, a melodia e o ritmo, o campo de experiência em questão será desenvolvido.

Para o pedagogo Fernando de Azevedo (1971), a música deveria ser ensinada no âmbito popular, envolvendo atividades da vida infantil. Esse discurso a favor da Educação Musical, une-se ao ideal da Escola Moderna que tinha como objetivo desenvolver a cognição, o físico e a moral dos alunos. Além disso, a musicalização promete a capacidade de se expressar, de perceber e pensar em cada indivíduo de forma mais crítica.

A contribuição do processo de musicalização está na participação, o aluno não necessariamente precisa saber a teoria musical e tocar algum instrumento, mas sua presença e cooperação nas aulas de musicalização, já trazem benefícios. Para as crianças autistas, é justamente o processo e as aulas voltadas para a interação social que contribui para seu desenvolvimento. Teca Brito (2003, p. 53) afirma que

“As competências musicais desenvolvem-se com a prática regular e orientada, em contextos de respeito, valorização e estímulo a cada aluno, por meio de propostas que consideram todo o processo de trabalho, e não apenas o produto final.”

Apesar de todos os benefícios evidentes do ensino da música nas escolas e de estar presente no currículo, no Brasil, esse ensino ainda não é aplicado. Em maio de 2016, a lei nº11.769, de 18 de agosto de 2008, foi alterada tornando o ensino de artes obrigatório. A mudança está na ampliação dos conteúdos trabalhados, visto que a lei nº11.769 considerava o ensino de música obrigatório na educação básica. A partir dessa alteração, torna-se obrigatório o conteúdo da disciplina de artes: as artes visuais, a dança, a música e o teatro.

É necessário ressaltar que assim como o brincar tem maior aproveitamento quando é uma iniciativa das crianças, a musicalização precisa dessa fluidez. Segundo Lemos (2007, p.87) “nas pré-escolas, de modo geral, o brincar foi transformado em um dispositivo didático instrumental” (Lemos, 2007, p. 87).

Ainda que a música seja um componente curricular presente na BNCC e nas legislações, uma das aplicabilidades da musicalização na educação básica é através da inserção no cotidiano escolar, seja como um momento de transição das atividades, sobretudo na educação infantil, ou em momentos de livres socialização dos alunos. É preciso considerar a capacidade que a música tem de unir pessoas, especialmente no âmbito cultural. Para autistas que possuem a socialização limitada, a música pode criar um caminho de se aproximar dos seus pares.

Não é necessário, portanto, reservar o ensino de música para pessoas com deficiência somente a instituições especializadas ou direcioná-las unicamente com intenções terapêuticas, pois assim estaremos negando o princípio da inclusão social de um contingente expressivo de alunos e, quem sabe, possíveis profissionais da música. Portanto, as escolas e os professores de música precisam estar sensíveis e preparados para compreender a diversidade de nossa população. (Louro, 2006, p.30)

O poder de se expressar, ainda que não verbalmente, pode ser de extrema importância para reduzir o comportamento de “stimming”, que ocorre quando um autista é dominado pelo estresse e ansiedade diante de alguma situação, reproduzindo movimentos repetitivos, de auto-estimulação ou extremamente calmantes, algumas vezes, com risco de automutilação. Promovendo a música como um gesto de expressão ou de refúgio para essas situações, esses comportamentos podem ser evitados. Para Craidy e Kaercher: “a música é uma linguagem criada pelo homem para expressar suas ideias e seus sentimentos, por isso está tão próxima de todos nós.” (Craidy; Kaercher; 2001, p.130).

É importante ressaltar que as aulas de musicalização não tem por objetivo tornar os alunos músicos, mas sim promover a interação, a familiarização musical, contribuir no processo de socialização. Além dos seus outros inúmeros benefícios, a avaliação da disciplina não deve ser feita através da cobrança de conceitos, de habilidades atingidas, nem grandes marcos, mas o docente que ministra essa aula, deve estar atento se o objetivo da sua aula está sendo cumprido. A avaliação deverá ser feita de modo que permita que sua prática seja alterada se os alunos não estiverem alcançando aquilo que a aula tem por objetivo.

Penna (2015, p.33) aponta que “musicalizar é desenvolver os instrumentos de

percepção necessários para que o indivíduo possa ser sensível à música, aprendê-la, recebendo o material sonoro/musical como significativo”. Aires Filho (2020, p.46) ressalta ainda que

Dessa forma, entendo aqui o processo de musicalização como algo construído em comunhão com a criança e, no nosso caso, também com os pais, buscando abranger não apenas às limitações sensoriais da criança, mas também as limitações e possibilidades do ambiente (seja um quarto de dormir, ou uma sala de aula).

Portanto, a musicalização que permeia as escolas têm o dever de colocar a criança como centro da aprendizagem, buscando atender as suas limitações e suas exigências para que os efeitos desejados sejam alcançados. Somente assim, será possível compreender a música como uma aliada no processo de desenvolvimento infantil, sobretudo das crianças autistas.

3.1 A MÚSICA NA PEDAGOGIA WALDORF: A PREVISÃO DE ESPAÇOS-TEMPOS

A pedagogia Waldorf, fundamentada por Rudolf Steiner, acredita que o desenvolvimento natural da criança é dividido por setênios. Steiner ensina que a vida é dividida por ciclos de 7 anos marcados pelo seu desenvolvimento corpóreo e emocional.

(...) a vida humana não decorre de forma linear, mas em ciclos de aproximadamente sete anos. Em cada um desses ciclos, um determinado membro da entidade humana se desenvolve de maneira mais pronunciada. A personalidade, isto é, o eu, ‘vive’ então principalmente nesse membro.” (Lanz, Rudolf, 2019, p. 38)

Cada um desses setênios tem seus aspectos individuais e aquilo que precisa ser desenvolvido especificamente nessa fase. Essa filosofia busca criar possibilidades para que cada indivíduo descubra seus talentos e os desenvolva, busca também formar pessoas livres, críticas, criativas e sensíveis, através de valores como a fraternidade e responsabilidade.

Segundo Luciano Vazzoler, professor e pianista de coral da Escola Waldorf Francisco de Assis, o profissional que utiliza da música deve estar ciente em como empregar os recursos para colaborar com o desenvolvimento natural da criança, por isso, é importante estar consciente de cada propriedade musical (timbre, melodia, ritmo e harmonia) e como cada um destes contribuem para cada fase do desenvolvimento da criança durante o período da educação básica.

No primeiro setênio (0 a 7 anos) a criança está aberta para o ambiente que está

inserida, as influências são externas para sua formação e organização física e psíquica. Nessa fase, a criança aprende por imitação, sendo o professor sua referência. Na pedagogia Waldorf, o canto é o principal instrumento nesse primeiro setênio. Notas agudas dentro da escala pentatônica em músicas cirandadas e folclóricas infantis trazendo a sensação de acalento e aconchego. Aline Melo (2022, p.4) afirma que

É essa calma proporcionada pelas canções que me lembro de sentir quando eu era pequena. Todos os receios vão embora e dão lugar a uma sensação aconchegante e protetora. É como a imagem do bebê que está sempre protegido no útero da mãe. E esse sentimento de acolhimento é o que o jardim de infância da escola Waldorf procura passar para as crianças.

No segundo setênio (7 a 14 anos), a criança começa a sair desse momento de aconchego e começa a se relacionar com o mundo externo. Inicia-se a vida escolar e em comunidade. A autonomia se desenvolveu e agora, o professor é um guia. Nessa fase a música serve como uma direção para a vivência social. A aprendizagem da flauta ajuda no desenvolvimento da lateralidade e da coordenação motora fina dos dedos, além disso, no terceiro ano é introduzido alguns conceitos musicais como algumas escalas e nome das tonalidades. O conteúdo musical vai se aprofundando com o passar dos anos. Para Silva e Petraglia (2013) “Precisamos também estimular o pensamento, o discurso musical, através do canto e de instrumentos melódicos como a flauta, por exemplo, assim estaremos contemplando o pensar na formação musical.”

Por fim, no terceiro setênio (14 a 21 anos), a criança já tem o “eu” bem desenvolvido, agora seus pensamentos têm maior expressividade. O adolescente ganha outra perspectiva de mundo e tem seu professor como inspiração, como um espelho. A música agora é utilizada como ferramenta para estimular a criatividade, dialogando com as expressões musicais contemporâneas, que se aproximam desse aluno.

O indivíduo pode e deve, no fim do terceiro setênio, usar o pensar e o querer sem interferência de motivações oriundas de seu corpo, de seus sentimentos e de seu egoísmo. Ele se torna capaz de emitir julgamentos objetivos e de agir segundo critérios éticos absolutos. (Lanz, Rudolf, 1998, p.58)

A música é compreendida como uma ferramenta importante para a manifestação dos sentimentos e sensações utilizando o som e o silêncio. Conforme o documento Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (Brasil, 1998, p.48),

Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos etc., são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem a necessidades de expressão que passam

pela esfera afetiva, estética e cognitiva.

O ensino de música nas escolas deve ser voltado para a constituição do “eu” no presente, a construção de personalidade, fortalecimento emocional, capacidade de expressar sentimentos. O objetivo da música na educação básica não consiste no ensino de um instrumento, como dito anteriormente, isso cabe às escolas especializadas de música, mas como afirma Brito (2006, p.46) “educação musical não deve visar à formação de possíveis músicos do amanhã, mas sim à formação integral das crianças de hoje”.

3.2. DOCÊNCIA, MUSICALIZAÇÃO E CRIANÇAS COM TEA

Esse tópico foi destinado a realização de duas entrevistas com profissionais envolvidos com crianças autistas na educação básica. O objetivo da conversa foi refletir sobre a importância da musicalização para crianças neurodivergentes. A primeira entrevistada foi realizada com a psicóloga Priscila², que em nossa conversa, me relatou trabalhar com muitas crianças que estudam na escola de metodologia Waldorf e em pedagogias alternativas, tendo também experiência com crianças das escolas tradicionais. A segunda entrevistada foi a professora Fernanda³ de uma escola Waldorf. A escolha das profissionais foi feita pensando na percepção de inclusão musical diante do trabalho que elas exercem. Embora ambas trabalhassem com metodologias alternativas, a entrevista foi enriquecedora no aspecto educacional, para além das diversidades de pedagogias.

As entrevistas foram separadas em duas partes: perguntas gerais e específicas. As perguntas gerais foram feitas igualmente para a psicóloga e para a professora entrevistada. Outras três perguntas foram feitas de maneira específica considerando as funções e os papéis exercidos pelas profissionais.

3.2.1 A IMPORTÂNCIA DA MUSICALIZAÇÃO PARA CRIANÇAS COM TEA: VOZES DAS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

A primeira pergunta feita para elas foi como é percebida a musicalização no desenvolvimento das crianças com TEA, a psicóloga afirma que *trabalhar com musicalização*

² Nome fictício criado para preservar a identidade da profissional.

³ Nome fictício criado para preservar a identidade da profissional.

com crianças do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) apresenta significativos aspectos positivos já que muitas crianças com TEA gostam e apresentam afinidade pela música. Por isso, beneficia-se enormemente das atividades que envolvem música, podendo favorecer sua maneira de se comunicar, se expressar e se relacionar com as pessoas. A professora declara que percebe a música como um elo, uma comunicação, é ela que acessa esse ambiente que a criança está inserida.

Algumas crianças autistas apresentam maior sensibilidade para diferenciar as notas musicais, timbres e vozes. Com seu próprio jeito de se expressar na música, se forem estimuladas na musicalização, podem se familiarizar e aumentar sua expressividade.

Para observar esse aumento na expressividade, é necessário consultar pessoas que estão em contato frequente com as crianças, por isso, houve uma preocupação em perguntar se nos acompanhamentos a longo prazo, quais foram as mudanças comportamentais e emocionais que elas notaram nas crianças. Através da entrevista a psicóloga Priscila constata em suas observações que: *“crianças do espectro autista que possuem o privilégio de ter acesso a musicalização apresentaram significativa melhora nas seguintes áreas: - Cognitivo: a música estimula diversas áreas do cérebro, beneficiando o desenvolvimento cognitivo das crianças com TEA. Favorecendo a memória, atenção e a capacidade de reconhecer padrões musicais. - Linguagem e Comunicação: a música é uma forma alternativa de expressão para crianças com dificuldades de comunicação. Desta forma a música favorece que meus pacientes com sensibilidades sensoriais, aos poucos, possam ir dessensibilizando a intolerância a sons mais altos, por exemplo. Além de ser uma livre expressão, possibilitando que conheçam, repitam e aprendam novas palavras e sinônimos. - Interação e Socialização: as brincadeiras e atividades musicais com mais crianças favorece que meus pacientes no TEA, desenvolvam mais suas habilidades de interação social de maneira leve, favorecendo que melhorem suas trocas, cooperação e descobertas. - Regulação Emocional: a música influencia o estado emocional do ser humano. Para meus pacientes com TEA, a música os deixou mais calmos diminuindo a ansiedade, irritabilidade e estresse, aumentando a sensação de relaxamento e bem-estar. - Criatividade: a musicalização favorece que os pacientes com TEA melhorem a criatividade. Estando mais calmos conseguem pensar em maneiras diversas de resolução de problema e saídas para a rigidez cognitiva e comportamental. Além de ganhos na autoestima. É importante lembrar que cada criança com TEA é única e pode ter diferentes preferências e habilidades musicais. Portanto, é essencial adaptar as atividades musicais de acordo com as necessidades individuais.”*

A professora retoma a sua principal convicção: o elo. Para ela a música, sendo esse *“elo que comunica e acessa a criança, harmoniza essa criança, ela auxilia nessa estruturação da mesma. Considerando que o ambiente da EF (educação infantil) é musical, a música facilita na comunicação, nas transições de atividades e nas conduções diárias.”*

Alguns agravantes são observados nos autistas como a dificuldade de compreender comandos e regras, isolamento nos ambientes aglomerados e pouco ou nenhum contato visual. A musicalização oferece auxílio no desenvolvimento desses aspectos das crianças com TEA. Segundo Nascimento *et al* (2015, p.95) a musicalização envolve alguns avanços no desenvolvimento das crianças com TEA quando associadas a atividades com música. Segundo os autores, entre os principais ganhos estão a socialização e a compreensão de comandos, desenvolvem habilidade de comportamentos dirigidos, como: contato visual, iniciativas de interação e atenção conjunta, além dos aspectos cognitivos, afetivos e motores, comunicação verbal e não verbal.

Embora a professora e a psicóloga entrevistadas, passem tempos consideráveis com as crianças, os responsáveis estão o dia todo cuidando e convivendo com elas, por isso é importante fazer a escuta dos relatos da família em vista das mudanças em seus cotidianos após a inserção da musicalização na vida das crianças. Priscila afirma que os relatos são, principalmente, *relacionados à regulação emocional. Os pais conseguem interagir e acessar melhor a criança nos momentos de irritabilidade, conseguindo se autorregular e acalmar mais rapidamente. Outro ponto que relatam, melhoras significativas, é na flexibilidade mental. A criança aceita melhor os imprevistos e mudanças que ocorrem no dia a dia”*. A educadora ressalta que *“na pedagogia Waldorf a música é uma ferramenta de condução nas rotinas de aprendizados e é com ela que criamos esse ambiente para o desenvolvimento acontecer. A criança inserida nesse contexto, aprende e harmoniza seus comportamentos, o que é perceptível pelos familiares e educadores. Os familiares sempre querem aprender as músicas, gostam quando possibilitamos essas trocas, uma vez que entendem dos benefícios para as crianças.”*

Considerando os relatos das entrevistadas, é possível perceber, na prática, a musicalização adentrando o cotidiano e atuando na previsibilidade das crianças com TEA. A antecipação da rotina contribui para que a criança se sinta segura e saiba o que os outros esperam de seu comportamento, além de ajudá-la no gerenciamento do tempo, já que pode ser também uma dificuldade das crianças autistas. As ferramentas de autorregulação, os avisos prévios para controle de ansiedade, o suporte para organização mental nos processos de crise,

são práticas ofertadas pela musicalização para auxílio não só das crianças, mas para seus cuidadores também.

Por fim, é importante compreender as maneiras de inserir a musicalização na vida escolar das crianças, do ponto de vista psicológico, Priscila diz que *“a música deve fazer parte do cotidiano escolar, podendo ser usada em situações como: - Aulas de Música Específicas: onde as crianças têm a oportunidade de se expressar, ter vivências com ritmo, melodia, harmonia e outros elementos musicais. Cantar dos Professores: a música é uma linguagem universal, por isso uma professora que canta para seus alunos favorece o vínculo, a interação, a calma, a cognição e muitos outros fatores em sua turma. Integração com outras matérias: na educação infantil pode ser usada em várias atividades e no ensino fundamental a música pode ser integrada a matérias como linguagem, literatura, matemática e ciências. A musicalização deve ser oferecida de forma acessível e inclusiva. Assim, todas as crianças podem participar, independentemente da habilidade musical e qualidade do processo interacional e social”*. A música como forma de expressão para as crianças neurotípicas ou neurodivergentes favorece as interações sociais e o processo de socialização. Segundo Mamede *et al* (1991, p.146): *“A atividade artística é um dos modos de a criança referir-se às suas alegrias e tristezas, revelar suas emoções, enfim, exercer seu pensamento. Na pré-escola, esta atividade poderá ser o desenho [...], bem como a música, o teatro, a dança e a literatura.”*

Da perspectiva da educadora, ela diz que *“a maneira como a pedagogia Waldorf atua é interessante e que entendendo da antroposofia da criança e dos benefícios que ela traz a cada faixa etária, usar do recurso/ferramenta da música só tem a enriquecer o processo de desenvolvimento. Mas, devemos salientar que cada faixa etária tem um ambiente musical apropriado. A criança de 0 a 7 anos trabalha com músicas pentatônicas e cantigas”*. A pedagogia Waldorf utiliza a música associada à formação humana visando a construção de valores, do desenvolvimento das relações pessoais para construir sensibilidade à valorização da arte. Tavares (2010, p.27) salienta que tal pedagogia promove o ambiente musical para a formação da criança. O objetivo não é exclusivamente a aquisição de conhecimentos e habilidades, mas a interdisciplinaridade e a formação humana, de maneira geral.

Ao findar as perguntas gerais, a entrevista seguiu por caminhos específicos. O objetivo foi que cada profissional contribuísse para a pesquisa através de suas atuações e experiências. Para a psicóloga, o questionamento envolveu a observação da evolução no processo de socialização das crianças autistas através da música. Durante seus atendimentos, Priscila afirmou que *“observo que meus pacientes com TEA que tem acesso a musicoterapia*

ou ao contato regular com a música no ambiente escolar melhoram a qualidade dos processos de interação e socialização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A música é, comprovadamente, uma forma eficaz de terapia para crianças com TEA, já que desenvolve as habilidades sensoriais, cognitivas, emocionais e sociais. Além de proporcionar que a criança com TEA se envolva em atividades colaborativas, como tocar em conjunto ou cantar em grupo, favorecendo a interação e comunicação. O contato frequente com ambientes musicais favorece que o paciente, também, melhore a qualidade do compartilhar e trabalhar em grupo. Observo, também, que meus pacientes com TEA que vivenciam um ambiente musical utilizam-se da música como forma de comunicação não verbal, favorecendo que se expressem e conectem-se com outras pessoas de maneiras que talvez sejam desafiadoras em situações sociais convencionais.”

Além do processo de socialização é importante observar como ocorre os processos de autorregulação das crianças autistas quando associadas a música para auxiliá-las nesse desconforto. A resposta da psicóloga foi pontual, afirmando que *“no consultório e em orientação às famílias de crianças autistas utiliza e indica muito a música como instrumento para favorecer o processo de regulação da criança com TEA. O acolher, acalmar e cantar favorece que a criança vá, aos poucos, retornando a respiração mais lenta e ritmada e conseqüentemente, vai se acalmando. Movimentos suaves e ritmados favorecem que a criança volte ao seu estado de calma”*.

A sensação de acalento e aconchego são importantíssimas para a criança, sobretudo na educação infantil. Para as crianças, o carinho significa cuidado e é assim que se estabelece a confiança entre professor e aluno, sendo a confiança a ferramenta imprescindível para regulação emocional das crianças com TEA. O ensinar e o cuidar, na educação, são a mesma coisa. Segundo Chagas (1997, p.17-25) *“Percebendo-se já dentro da escuta e leitura musicoterapêutica que o “cantar ajuda a juntar ação, emoção e pensamento facilitando o contato direto com as sensações físicas, com os sentimentos e com a mais profunda sensação de ser o que se é.”*

Por fim, ela conclui considerando *“a inserção da música no comportamento dos autistas não-verbais”*. Para ela, as pessoas autistas não-verbais *“encontram na música uma forma de se conectar com os outros e expressar suas emoções [...] A música pode ter um impacto significativo no comportamento dos autistas não-verbais. Embora cada paciente com TEA tenha sua individualidade e faz com que cada um responda da sua maneira. A música é uma forma de expressão e comunicação que o paciente, muitas vezes, utiliza como forma de se*

comunicar. Ao escutar música se ativa, no paciente com TEA e não verbal, áreas cerebrais que auxiliam a estimular e regular respostas sensoriais. Por isso, muitas vezes, a música os leva a se acalmar e regular suas emoções. No setting terapêutico, é utilizada a música no desenvolvimento da linguagem e na comunicação não-verbal. Através das músicas encoraja o paciente a vocalizar e a imitar gestos e movimentos corporais [...]. É possível encontrar crianças com grande sensibilidade sensorial e que não gostam e até sofrem em ambientes com música. Por isso, é preciso avaliar e encontrar a melhor maneira de aproximar a criança das vivências musicais.

A expressividade é uma habilidade adquirida, isto é, é aprendida ao longo da vida. Lidar com emoções e sentimentos pode ser difícil sem as ferramentas necessárias, sobretudo para as pessoas autistas que possuem demandas comunicacionais Segundo a Roncarati,

Com o aperfeiçoamento da mímica gestual e posteriormente, da fala, gradualmente, a criança se apropria dessas formas de expressão [...]. O desenvolvimento emocional é um processo contínuo que tem início no nascimento e segue até o fim da vida. Esse desenvolvimento, entretanto, não ocorre “naturalmente”. Ao contrário, é profundamente influenciado pelas relações interpessoais, é complexo e tem como base a construção da identidade e da autoestima. (Roncarati- Revista Presença Pedagógica, 2013, p. 49).

A entrevista também buscou compreender a perspectiva educadora. Para isso, foram feitas perguntas enfatizando o contexto educacional da musicalização nas escolas. A professora Fernanda diz que percebe “*a interação da criança com a música nas transições de atividades em relação aos espaços e tempos de uma maneira cativante, pois elas estão inseridas num ambiente musical. As crianças fluem e se organizam com mais naturalidade quando as transições são permeadas por canções, pois acredita que a fala direta é usada de maneira muito imperativa*”.

Diante dessa colocação, tornou-se necessário entender, sob o olhar da professora, qual a melhor maneira ela acredita que a música deve ser inserida nas escolas, de maneira fluida no cotidiano ou com um momento determinado durante a semana para dedicação exclusiva como uma disciplina obrigatória. Ela então, torna a dizer que ao seu olhar, “*a criança é musical, ela precisa estar perto dele como um condutor e alimento de aprendizagem. Na pedagogia Waldorf ela aparece como disciplina apenas no 1º ano do ensino fundamental, aos 7 anos de idade, onde chega o primeiro instrumento*”. Por fim, deve-se considerar que a escola é um ambiente rico de interações sociais. Com base nisso, a educadora foi questionada se percebe diferença na socialização nos momentos que a música está sendo apresentada. Para Fernanda, “*quando as músicas chegam nas rodas ou nas*

transições, é notório o nascimento de uma felicidade genuína, algo que toca a “alminha” deles. Eles aprendem com muita facilidade também. A música reverbera em seu ser”.

Para Illari, (2005), “Os maiores efeitos da música são aqueles contidos nas experiências que ocorrem diariamente em todas as partes do mundo, quando crianças, de diversas etnias culturas e classes sociais cantam, dançam, criam e brincam com a música simplesmente porque é natural e muito divertido fazê-lo”. As crianças fazem e estão inseridas no universo musical desde o nascimento, é um processo natural, por isso é importante compreender o lugar da musicalização na educação básica.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo da elaboração do artigo, foi elucidar as questões relacionadas a musicalização na educação básica com ênfase na inclusão de crianças autistas. Durante a pesquisa, levantamento bibliográfico e escrita, foi perceptível as fragilidades da musicalização na educação básica. A musicalização auxilia no processo sensorial e de socialização das crianças neurodivergentes. Entretanto, a aplicabilidade na educação básica requer um cuidado especial. É importante ressaltar que a musicalização não deve ser focalizada no ensino de um instrumento específico, mas consiste no processo de familiarização com a música e seus conceitos. Entretanto, também não deve ser compreendida somente como um brincar, mesmo que o próprio brincar esteja presente na musicalização.

O que foi apresentado durante a pesquisa, é que a musicalização possui dois funcionamentos: a musicalização como disciplina obrigatória e a musicalização diluída no cotidiano. A primeira consiste no tempo reservado e dedicado ao trabalho com os conceitos musicais, o reconhecimento do ritmo e estimulando a sensibilidade aos sons. Enquanto a segunda, busca diluir a musicalização nas atividades cotidianas, seja na música que a professora canta na acolhida, nas transições de atividades ou para despedida.

A disciplina como disciplina obrigatória favorece: a execução dos campos de experiência da BNCC, promove a interação com instrumentos, o exercício de ritmo, noções de tempo, contagem, desenvolvimento da criatividade e da agilidade, coordenação motora fina e grossa, entre outros. Ao mesmo passo que apresenta vulnerabilidades como a falta de formação docente para o ensino de música nas escolas, já que a lei prevê a música como conteúdo da disciplina de artes e não uma disciplina à parte.

A musicalização presente nas atividades cotidianas, acontece de maneira fluida durante a rotina escolar auxilia na previsibilidade de espaços e tempos, sobretudo para a criança autista que tem dificuldade de passar pelas transições de tarefas. Além disso, contribui na autonomia, pois possibilita que a criança execute suas funções em um adulto sempre precise indicar o que ela deve fazer. Ambas aplicabilidades da musicalização trazem benefícios para a criatividade e cooperam para que as crianças expressem seus sentimentos e emoções.

A pesquisa destacou o processo de musicalização para crianças autistas, por isso, fez-se importante enfatizar as especificidades do TEA, visto que, se trata de questões sensoriais. Primeiramente, a citação de definição do autismo de acordo com os atuais manuais utilizados internacionalmente pelos psicólogos e neurologistas para o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista. Segundo, foi ressaltado a importância de conhecer a criança para compreender suas demandas relacionadas à sensibilidade auditiva. A escola é um direito de todo cidadão e deve ser um ambiente seguro, sendo assim, o professor deve auxiliar e evitar as possíveis desorganizações sensoriais e emocionais geradas nos neurodivergentes.

Durante o processo de pesquisa, foi percebido a defasagem de estudos sobre a musicalização na educação básica. Os estudos realizados destacam as musicoterapias, mas é importante ressaltar que há públicos, sobretudo os menos favorecidos socialmente, que não terão acesso a essas terapias, portanto, o acesso a musicalização dos ambientes que essas crianças frequentam, como a escola.

O artigo faz um recorte da pedagogia Waldorf, que tem um caráter mais elitista e frequentado por um público com maior poder aquisitivo, por se tratar de uma metodologia alternativa e com mensalidades caras, mas que tem aplicações possíveis para o ensino público e/ou tradicional. A música nas transições de atividades, a música como acalento, como auxílio para organização psíquica, como contextualização. São características da metodologia, mas que não se restringem somente a essa pedagogia.

O alcance desse projeto tem suas limitações. Para realizar um estudo ainda mais detalhado, seria necessário mais tempo de pesquisa, contribuições maiores de outros profissionais, como neurologistas e musicoterapeutas. Entretanto, o artigo atingiu o objetivo de elucidar as questões relacionadas à musicalização para crianças autistas na educação básica. O estudo tem como finalidade alcançar o corpo docente a fim de gerar um ambiente acolhedor e estimulante para as crianças TEA e promissor para educadores e familiares.

5. REFERÊNCIAS

AIRES FILHO, Sergio Alexandre de Almeida. **Educação musical e autismo : um estudo sobre o desenvolvimento de crianças autistas na musicalização infantil.** (Dissertação de Mestrado). João Pessoa, 2020.

BARROS, FCOM. **Cadê o brincar?: da educação infantil para o ensino fundamental.** São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 215 p. ISBN 978-85-7983-023-5. Available from SciELO Books.

BRASIL. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 199

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança.** São Paulo: Peirópolis, 2003.

CAMARGO, Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. **Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura.** Psicologia & Sociedade, v. 21, n. 1, p. 65-74, 2009. Disponível em: . Acesso em: 03 de nov. de 2023

CASTRO, M. (2020). Músicas estimulam crianças com autismo, garantem terapeutas. Jornal de Brasília. Edição 15.10.
<https://jornaldebrasil.com.br/brasil/musicasestimulam-criancas-com-autismo-garantem-terapeutas/>

CHAGAS, Marly. **Musicoterapia e Psicoterapia Corporal: Aspectos de uma relação possível.** Revista Brasileira de Musicoterapia. Rio de Janeiro: União Brasileira das Associações de Musicoterapia, n.3, 1997, pp.17-25.

CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Glades Elisa P.da Silva. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre:Artmed, 2001.

GADIA, Carlos A; TUCHMAN, Roberto; ROTTA, Newra. **Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento.** 2004. Disponível em: Acesso em: 15 de novembro de 2023.

GAIATO, Mayra; TEIXEIRA, Gustavo. **O reizinho autista: guia para lidar com comportamentos difíceis.** São Paulo: Versos, 2018.

GATTINO, Gustavo Schulz. **A influência do tratamento musicoterapêutico na**

comunicação de crianças com transtornos do espectro autista. 2009.119 f. Dissertação (Mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

GOMES, Hendy Anna Oliveira. **Educação musical: formação humana, ética e produção de conhecimento.** IX Encontro Regional Sudeste da ABEM. Vitória, 2014.

ILLARI, B. **Música, identidade e relações humanas em um país mestiço: implicações para a educação musical na América Latina.** 2007. Revista da ABEM, 18, 35-45.

INSPIRADOS PELO AUTISMO. **Como a música pode ajudar crianças com autismo?** Inspirados pelo Autismo. Disponível em: <<https://www.inspiradospeloautismo.com.br/a-musica-pode-ajudar-criancas-com-autismo/>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

JEANDOT, Nicole. **Explorando o universo da música.** 2. Ed. São Paulo: 1993. (Série Pensamento e Ação no Magistério).

LANZ, Rudolf, 1915– **Noções básicas de antroposofia** — 4. ed. rev. — São Paulo : Antroposófica, 1997

LANZ Rudolf. 1979 - **A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano** - São Paulo: Antroposófica, 6º ed. 2016.

LEMOS, F.C. S. (2007). **A apropriação do brincar como instrumento de disciplina e controle das crianças**, Estudos e Pesquisas em Psicologia, 7(1), 81-91.

LOURO, Viviane dos Santos. **As características que norteiam a educação musical inclusiva de portadores de deficiência.** In: Revista nacional de reabilitação. Maio/Junho de 2003, Ano VI, n. 32, p. 2-3.

MAMEDE, Márcia Mendes, et.al. **Professor de pré-escola/** Fundação Roberto Marinho.- Rio de Janeiro: FAE, 1991.

MELO, Guilherme Moreira de; TEIXEIRA, Lúcia Helena Pereira. **Projeto de pesquisa: o lugar da música na prática pedagógica de professores unidocentes.** 2018. 15 f. Projeto de Pesquisa para TCC - Curso de Música, Universidade Federal do Pampa, Santa Maria, 2018. REVISTA GALILEU. Brasil: Globo, 30 abr. 2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/04/os-desafios-e-preco>

nceitos-enfrentados-por-adultos-autistas.html. Acesso em: 16 mar. 2021.

MIELE, Fernanda Gonçalves e AMATO, Cibelle Albuquerque de la Higuera. **Transtorno do espectro autista: qualidade de vida e estresse em cuidadores e/ou familiares - revisão de literatura**. Cad. Pós-Grad. Distúrb. Desenvolv. 2016, vol.16, n.2, pp. 89-102. ISSN 1519-0307. <http://dx.doi.org/10.5935/1809-4139.20160010>.

OLIVEIRA, Gleisson do Carmo. **AUTISTAS EM DIFERENTES CONTEXTOS DE APRENDIZAGEM: um estudo exploratório**. 2015. Tese de mestrado (Música) - Mestrado, UFMG, 2015.

OLIVEIRA, Roberto de. **ENSINO DE MÚSICA: É LEI, MAS AINDA NÃO “PEGOU”**. 2018. Disponível em: <http://www.ubc.org.br/publicacoes/noticias/10482>. Acesso em: 17 mar. 2021.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu ensino** / Maura Penna. 2. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: Sulina, 2015.

PETRAGLIA, Marcelo. **A Educação musical da criança e do jovem**. Curso Antropomúsica. São Paulo, 2016.

PETRAGLIA, Marcelo; SILVA, Erika. **A proposta de educação musical nas escolas Waldorf como inspiração para trabalho em outros contextos**. ERAS. V.4, n.3, p.1-15, 2013.

RONCARATI, Mariana, **Revista Presença Pedagógica**, v. 19, nº 109, Jan/Fev. 2013

SILVA; REGINA BASSO ZANON; CLEONICE ALVES BOSA; *et al.* **Comportamentos de Crianças do Espectro do Autismo com seus Pares no Contexto de Educação Musical**. Revista brasileira de educação especial, v. 21, n. 1, p. 93–110, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbee/a/CSGkCxtzFCHBMjMsnjvz3FK/?lang=pt>>. Acesso em: 22 nov. 2023.

TAVARES, Julia Kunze. **O lugar da música na pedagogia Waldorf. Trabalho de conclusão de curso** (monografia) – Curso de Licenciatura em Música, Universidade Cândido Mendes, Nova Friburgo, 2010.

VAZZOLER, Luciano. **A MÚSICA na pedagogia Waldorf: o desenrolar de um fio mágico**. Informativo Francisco, São Paulo, 2016.